

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti



17 + 18 fev 23



17 fev 23 SEXTA 19:00
18 fev 23 SÁBADO 19:00
GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 6, em Lá menor

1. *Allegro energico, ma non troppo*
2. *Scherzo: Wuchtig* (Pesado)
3. *Andante moderato*
4. *Finale: Allegro moderato*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 30 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

Gustav Mahler

(Kaliste, 1860 – Viena, 1911)

Sinfonia n.º 6, em Lá menor

—

COMPOSIÇÃO 1903-1904

ESTREIA Essen, 27 de maio de 1906

DURAÇÃO c. 1h 30 min.

A produção de Gustav Mahler situa-se na transição do Romantismo para o Modernismo. Por vezes de cunho autobiográfico, apresenta traços da expressão de um sujeito fragmentado e ambíguo. Maestro polémico da Ópera de Viena, a abordagem de Mahler rejuvenesceu-se através do contacto com a nova geração de compositores dessa cidade, ligação alimentada por Alma Schindler, com quem Mahler se casou em 1902. Alma era compositora e inspirou grandes artistas do Modernismo, aproximando Gustav de pessoas ligadas à Segunda Escola de Viena. Este tornou-se uma referência para o grupo e apoiou-o em diversas ocasiões, tendo sido eleito presidente honorário da Associação dos Músicos Criativos, que promovia a música do Modernismo vienense, em 1904.

A Sinfonia n.º 6 de Mahler é um expoente da monumentalidade sinfónica do início do século XX, incorporando universos sonoros muito variados. Devido aos compromissos profissionais, o compositor dedicava-se à composição nas interrupções da temporada operática. Assim, escreveu a Sinfonia n.º 6 nos verões de 1903 e 1904, pouco depois do casamento com Alma, durante as férias passadas na Caríntia. O compositor reviu, profundamente, a obra em 1906 e experimentou, inclusivamente, alterar a ordem dos andamentos. A sinfonia

foi estreada em Essen a 27 de maio de 1906, mas a primeira apresentação não correu de feição ao tenso Mahler.

A Sinfonia n.º 6 foi apresentada várias vezes em vida do compositor com o título *Trágica*, devido ao universo sonoro a que este recorreu. Posteriormente, foi reconhecida como uma obra marcante na sua produção. Os três primeiros andamentos aproximam-na de uma sinfonia tradicional; todavia, o extenso final coloca-a noutro contexto. Mahler faz circular pequenas células e motivos pelos andamentos, recapitulando e reciclando materiais sonoros previamente ouvidos. Isto confere maior coerência à sua abordagem rapsódica e sublinha o contraste ambíguo entre o épico e o trágico. O recurso a melodias e texturas associadas à música militar, às canções tradicionais e a técnicas do Romantismo sinfónico enfatizam os sons triviais do quotidiano, incorporados, de forma transformada, na trama sinfónica concebida por Mahler.

A orquestração da Sinfonia n.º 6 destaca-se pelos contrastes tímbricos e por um colorido muito particular, que retoca ou esbate uma narrativa baseada na sucessão de episódios heterogéneos. Assim, denota uma abordagem camerística dentro da grande orquestra tardo-romântica. A incorporação e amálgama de elementos variados num tecido muito particular aproximam a sinfonia do vanguardismo vienense. Uma marcha militar, enérgica, cheia de *pathos* e pontuada por fanfarras e percussão, lança o primeiro andamento da sinfonia, em forma sonata. Apresenta-se um motivo que baloiça entre os modos maior e menor, sublinhando a ambiguidade

tonal que atravessa a obra. Este *leitmotiv* alimenta essa transformação abrupta que emergirá em vários pontos da peça. A percussividade e a regularidade evocam um movimento forçado numa direção. O segundo grupo temático, de caráter *cantabile*, encarna a angústia das melodias mahlerianas, diferindo, contrapontisticamente, as resoluções harmônicas. A tensão constante resulta de longos temas interpretados sobre um contexto harmônico variável. Alma Mahler referiu que esse tema a representava, apontando o contexto autobiográfico da obra. Oscilando entre os modos maior e menor, o desenvolvimento prossegue numa atmosfera bucólica. O idílio campestre contrasta com o ambiente trágico da sinfonia e Mahler ilustra-o com o recurso a chocalhos. Dessa forma, interliga, umbilicalmente, os sons do mundo real e a abstração do ideal sinfônico. O *Allegro energico, ma non troppo* termina com uma reexposição integral dos dois grupos temáticos em que se baseia o andamento.

O *Scherzo* retoma elementos da marcha do andamento anterior. Todavia, Mahler transforma-os e distorce-os, enxertando-os numa dança popular. Essa dança é interpolada duas vezes por um Trio ritmicamente irregular, que emerge e submerge, discretamente, na textura. De acordo com as palavras de Alma, e retomando uma interpretação autobiográfica da sinfonia, essa passagem ziguezagueante pode ter sido influenciada pelas brincadeiras das filhas de Mahler.

O *Andante moderato* contrasta, pela aparente simplicidade, com os andamentos anteriores. É dominado por um tema,

apresentado pelos diversos naipes da orquestra, ao qual é adicionado um contratema pungente. A centralidade da melodia é sublinhada pela orquestração, que direciona a atenção do ouvinte. A luminosidade emerge em algumas passagens, sublinhadas por um percurso harmônico em constante transformação. O regresso dos chocalhos conduz-nos à acalmia final, que antecipa o longo e complexo final, no qual sobressaem a ambiguidade e o hibridismo.

Relacionados, de forma afastada, com os princípios da forma sonata, os temas são transformados de forma a maximizar o potencial narrativo da obra, que atinge o auge perto do fim. Dessa forma, no *Finale* Mahler retoma as texturas dos andamentos anteriores e expande os diversos elementos previamente apresentados. Aqui, uma grande encenação da grandiosidade é apresentada de forma magistral. Uma densa e complexa escrita orquestral, em que cordas em surdina, harpas e instrumentos de sopro esbatem os contornos sonoros da peça, prepara o andamento. Nele, soltam-se os violinos e os instrumentos de bocal, numa interação sinuosa marcada pelo retorno de uma marcha percussiva. Esse gradual crescendo e adensamento de texturas prepara o clímax da sinfonia, protagonizado pelo som seco do martelo. Segue-se um episódio de atmosfera fúnebre (*topos* muito usado por Mahler), acompanhado por um rufo de caixa. A música dissolve-se, lenta e progressivamente, submergindo num silêncio sepulcral e de grande intensidade dramática, abrindo espaço à interioridade reflexiva.

JOÃO SILVA

Lorenzo Viotti

Em 2021/22, Lorenzo Viotti completou a sua primeira temporada como Maestro Principal da Orquestra Filarmónica e da Ópera Nacional dos Países Baixos, em Amesterdão. Para além da direção de muitos concertos em 2022/23, destaca-se uma nova produção de *Thaïs* de Massenet, no Scala de Milão, e de *Tosca*, de Puccini, na Ópera Nacional dos Países Baixos. Na última década, Lorenzo Viotti afirmou-se como maestro de topo a nível internacional. Desde o repertório clássico ao contemporâneo, dirigiu numerosos concertos sinfónicos, corais-sinfónicos e ópera, incluindo: *Romeu e Julieta* de Gounod (Scala de Milão e Fundação Gulbenkian), *Manon Lescaut* de Puccini (Ópera de Frankfurt), *Rigoletto* de Verdi (Staatsoper Stuttgart e Semperoper Dresden), *Werther* de Massenet (Ópera de Frankfurt e Ópera de Zurique), *Tosca* de Puccini (Ópera de Frankfurt e Novo Teatro Nacional de Tóquio) e *Carmen* de Bizet (Staatsoper Hamburg e Ópera Nacional de Paris). Lorenzo Viotti dirigiu muitas das principais orquestras a nível mundial. Em 2015 despertou a atenção internacional ao vencer o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*. Em 2013 tinha já vencido o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR. Em 2017 recebeu o *International Opera Newcomer Award*. Foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian entre 2018 e 2021, sendo atualmente Maestro Convidado Principal. Estreou-se nos EUA com a Orquestra de Cleveland e no Canadá com a Sinfónica de Montreal. Natural de Lausanne, na Suíça, nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo inicialmente sido percussionista da Filarmónica de Viena. Estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet, no Conservatório Franz Liszt, em Weimar.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO PRINCIPAL*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
David Ascensão
Flávia Marques
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Tiago Neto*
Rosa de Sá*
Catarina Resende*
Gonçalo Melo*
João Castro*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Camille Bughin
Juan Maggiorani
Francisca Fins
Miguel Simões
Félix Duarte
Asilkan Pargana
Luciana Cruz*
Ana Elisa*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
Leonor Braga Santos 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian
Albert Payà
João Dinis
Precília Diamantino
Mariana Moreira
Milan Radocaj*
Márcia Marques*
Bárbara Pires*
Barbara Friedhoff*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Hugo Paiva
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Isabel Vaz*
Hugo Estaca*

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
João Lobo
Gil Brito*
Sofia Faria Gomes*
Francisca Machado*
Diogo Pereira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amália Tortajada 2º SOLISTA
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*
Ana Raquel Lima 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

Pedro Moreira 2º SOLISTA*

Luís Alves 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

Edgar Silva 2º SOLISTA*

Samuel Marques 2º SOLISTA*

Ricardo Alves 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR

Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

Virgílio Oliveira 2º SOLISTA*

Álvaro Machado 2º SOLISTA*

Roberto Erculiani 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Nuno Vaz 1º SOLISTA*

Helder Vales 1º SOLISTA*

Kevin Cardoso 2º SOLISTA*

Rodrigo Costa 2º SOLISTA*

Luís Oliveira 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Sérgio Pacheco 1º SOLISTA*

Jorge Pereira 1º SOLISTA*

Joaquin Eustachio 2º SOLISTA*

Luís Granjo 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

Tiago Noites 2º SOLISTA*

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

Francisco Navarro 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Marco Fernandes 2º SOLISTA*

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

Miguel Herrera 2º SOLISTA*

CELESTA

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

HARPAS

Carolina Coimbra 1º SOLISTA*

Ana Aroso 2º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Fábio Cachão

Pedro Canhoto

Inês Nunes

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



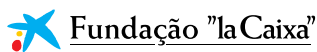
MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A.

Lisboa,
Fevereiro 2023

